

“Fogaça com Palavras”

DR AGUIAR CARDOSO- uma figura da Feira

Apresentação de Serafim Manuel Guimarães



Dr Aguiar Cardoso

Todo aquele que se presa, há-de sempre amar as tradições da sua terra, venerar os seus monumentos, dedicar um respeitoso culto ao seu passado.

(Aguiar Cardoso)

Durante anos foi médico assistente da minha Mãe que se lembra bem das suas consultas, do seu carinho, do seu cuidado na investigação da doença, da sua vinda a casa quando necessário, montado numa linda égua, às vezes acompanhada do seu potro.

Tinha sempre muito cuidado com a alimentação do animal. Em casa dos doentes, também tinha de a alimentar.

Foi considerado um médico de excelência pelos seus conterrâneos e ainda pelos mais importantes médicos da Faculdade de Medicina do Porto, que muito se esforçaram para que seguisse a carreira académica.

Queriam que ele ocupasse cátedra.

O Dr. António Augusto de Aguiar Cardoso nasceu em 14 abril de 1862



na sua casa do Montinho, filho da D Maria Albertina de Sousa Cardoso da casa do Montinho, e de Silvestre de Aguiar Bizarro, que foi mestre de Capela (aprendeu música e latim com os frades do Mosteiro de Salzedas) e fundou no Porto a famosa Capela Silvestre de que foi Diretor.

Seu Avô materno foi tenente-coronel de caçadores 11, que na Feira esteve aquartelado muitos anos. Foi militar brilhante e obteve as mais altas condecorações pela sua participação na guerra peninsular e no cerco do Porto.

O Dr Aguiar Cardoso foi:

- Médico de excelência;
- Músico, executante e compositor;
- Criou a Comissão de vigilância pela Guarda e conservação do Castelo;
- Investigador da história da Feira, bairrista apaixonado;
- Muitas vezes polémico brilhante.

Andou no Seminário em Santarém e no Liceu no Porto onde também aperfeiçoou os seus dotes musicais.



O confrade Serafim Guimarães no uso da palavra

Estudante de Matemáticas em Coimbra, veio para o Porto para suceder a seu Pai que faleceu em 1882. Foi Diretor da Capela durante 10 anos (não se tratava da facto de uma Capela de pedra e cal, mas antes uma orquestra para tocar em festividades religiosas) e empresário do Teatro de S. João – teatro de Ópera Lírica.

Matriculou-se na Escola Médico-Cirúrgica do Porto onde completou com brilho o seu Curso em 1892.

Foi dos melhores alunos da Faculdade, ganhou prémios e distinções e ainda a sua dissertação inaugural (Contribuição para o Estudo da Anatomia Patológica das Ovarites) foi considerada a melhor pelo que também foi a premiada.

Entre os seus colegas tinha o cognome de Filósofo, pela independência e originalidade das suas apreciações, sempre muito pessoais.

E assim veio para Vila da Feira, para a sua casa do Montinho.

A Terra Natal era uma atração.

Foi nomeado médico municipal e sub- delegado de saúde.

Distinguiu-se pela argúcia no diagnóstico, e pelo senso clínico e terapêutico e era considerado um cultor da Deontologia Médica.

O culto pelo trabalho, pelo estudo, o humanismo evidente em toda a sua atividade, foram qualidades que o acompanharam durante a vida, granjeando-lhe o respeito e a admiração dos doentes, dos colegas, dos amigos.

Estudioso por vício, manteve-se sempre muito atualizado.

Por encargo da Associação dos Médicos Portugueses, fez um trabalho notável acerca da situação dos médicos municipais no nosso país, apresentado no Congresso de Médicos Municipais, em Lisboa.

Ricardo Jorge foi um dos que elogiou o nosso conterrâneo, pelo notável trabalho que realizou. No ano seguinte, participou no Porto no Congresso de Deontologia Médica e interesses profissionais com temas sobre a assistência pública, a higiene pública, medicina judiciária e funcionalismo médico.



Vista geral dos participantes

Foi o mais ovacionado.

Foi muito respeitado como médico legista, com relatórios que o tornaram bem conhecido nos conselhos médico-legais e nos tribunais superiores.

Era elogiado por professores das Faculdades de Medicina do Porto e Coimbra, pela sua inteligência e critério científico.

Pertenceu à Associação Médica Portuguesa de Lisboa e à Associação Médica Lusitana, do Porto.

Colaborou em diversos jornais e revistas médicas, como Porto Médico, Medicina Moderna e União Médica.

Ficou famoso um caso polémico em que entrevistaram vários colegas, entre os quais o Dr. Manuel Laranjeira, e que foi muito discutido na imprensa médica da altura.

Tratava-se de um caso de impossibilidade temporária de trabalhar por motivo de ofensas corporais. (Porto Médico 1908).

De facto, tratou-se de uma rixa por amor ciumento. Uma rapariga requestada por dois rapazolas, num arraial. Acabou com umas navalhadas...

Foi eleito Provedor da nossa Misericórdia e pugnou pela extinção da mendicidade nas ruas da Vila. Travou penosa luta para acabar com injustiças que atingiam os mais pobres e sem recursos.

Dirigiu o Hospital Asilo de Oleiros e acusou a Direção Geral da Assistência de arbitrariedades e pugnou pela equitativa distribuição dos subsídios aos Institutos de Caridade.

Apresentou no 3º Congresso das Misericórdias um trabalho sobre esta matéria, mostrando as desigualdades e arbitrariedades em desfavor dos mais pobres. Não foi muito bem acolhida a sua preleção, mas teve do seu lado o Provedor da Misericórdia do Porto, o insigne Doutor António Luís Gomes.

Ainda como Provedor, a ele se deve o inicio da construção do Asilo da Infância, que não conseguiu acabar e que mais tarde veio a funcionar como Abrigo dos Pequenos, graças ao esforço do Dr. Domingos de Sousa.

A par do trabalho constante da sua profissão, um entretenimento tinha de lhe ocupar atividade e distrair o espirito.

A Música, o Castelo e a incansável devoção á Feira.

O Dr. António Ferreira Soares dizia:” É mais que um homem de paixão por uma causa. É um condenado a trabalhos forçados por toda a vida, condenado pelo infinito amor á sua terra”.

Como músico, foi ajudante de organista em Santarém e executou piano e órgão, enquanto estudante de Medicina nos templos do Porto e dirigiu a capela de S Silvestre, herdada do Pai, organizando as mais importantes festividades religiosas do Porto e arredores.

Tocava órgão e piano e cantava na Matriz da Feira.

Foi Diretor e ensaiador da Tuna Orfeão Feirense. Mais tarde reorganizou-a com o nome de Orfeão Feirense.

Compôs numerosas músicas para o Orfeão e teve vasta produção de música sacra.

Escreveu a música para o Hino de Arrifana em 1914, aquando da inauguração do Monumento comemorativo da Guerra Peninsular, em memória dos arrifanenses fuzilados.

Compôs e escreveu o Hino dos Ferroviários do Vale do Vouga em homenagem ao 1º Congresso Regional Ferroviário e executado pela primeira vez em 1933, na Estação de Vila da Feira, á chegada dos congressistas em comboio especial.

Entusiasta da Festa das Fogaceiras, nela tomava parte com o seu orfeão na Matriz, incorporava-se na procissão e á noite regia o seu grupo coral no Teatro de D. Fernando II.

O nosso Castelo muito lhe deve

Em 1905 um grupo de feirenses tentou o ressurgimento do Castelo da Feira. Entre esses, estava o Dr. Aguiar Cardoso que pelo seu prestígio encabeçou um movimento que levou á criação da “ Comissão de Vigilância pela Guarda e Conservação do Castelo da Feira” em 1909. Foi o mentor e o principal obreiro da Comissão. A partir daí o Castelo renasceu em toda a sua beleza, graciosidade e valor, como belo monumento militar e preciosa obra de arte. Acompanhou diariamente, com muito entusiasmo, todas as obras de restauro.



Dr Aguiar Cardoso em visita ao Castelo

Salvo da ruina, pode aguardar que o Estado, pela Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais iniciasse a sua reconstituição e completasse o restauro em 1935.

Foi das mais belas joias conquistadas pelo Dr. Aguiar Cardoso.

Produziu o folheto “O Castelo da Feira - Guia do visitante”.

Foi eleito sócio correspondente do Conselho de Arte e Arqueologia de Coimbra e da Associação dos Arqueólogos Portugueses, de Lisboa.

A história da nossa terra foi para ele da maior importância. Rebuscou a informação possível.

Utilizou o Portugaliae Monumenta Historica e outras fontes de informação.

Bem documentado, publicou inúmeros trabalhos na Imprensa, nomeadamente com três séries de artigos sobre “Memórias do Concelho da Feira” (78 artigos), “Migalhas da história do Concelho da Feira” (54 artigos) e “A nossa Terra da Feira na Literatura” (10 artigos).

Publicou “Terras de Santa Maria- Civictas Sanctae Mariae no Instituto de Coimbra

Quis demonstrar que a denominação Civictas Sanctae Mariae se refere às terras a sul do Douro e cuja cabeça foi sempre a Vila da feira, nada tendo a ver com Civitas Virginis, que sempre correspondeu à cidade do Porto.

Curiosa a referência que faz acerca da nossa Terra na Literatura, chamando a atenção para o soneto de Camões a Leonis Pereira, da estirpe dos Pereiras da Feira, filho natural do 3º Conde da feira, D Manuel Pereira.

Refere-se ao episódio do Conde da Feira no Porto, em 1 de Janeiro de 1474, referido por Arnaldo Gama no “ última dona de S Nicolau” e ainda a Alberto Pimentel com a guerrilha de Frei Simão, mais uma vez da Família dos Távora e dos Pereiras da Feira.

Refere-se a Bulhão Pato e a Guilherme Braga e ao Conde de Sabugosa que escreveu sobre D Joana de Castro, filha do 4º Conde da Feira, donzela de rara beleza que se apaixonou pelo Rei D. Sebastião e se calhar, por quem o Rei se apaixonou.

Refere-se ainda a Camilo Castelo Branco, que no seu livro “luta de Gigantes” em 1865, se refere ao Arcebispo D Sebastião Cesar de Meneses que esteve deportado no Castelo da Feira.

Contudente para os seus adversários, foi com a mesma mão que desenhou finamente o nosso Castelo, exemplarmente defendeu os interesses da Terra de Santa Maria, ou praticou a cirurgia ou a obstetrícia, dedilhou o teclado ou dirigiu o Orfeão ou tratou das flores do seu quintal. Ficou na memória dos feirenses a polémica com o Padre Oliveira Pinto acerca da Vila da Feira ser ou não a sede das Terras de Santa Maria.

Nunca teve férias, só saía da Feira em serviço, trabalhou incansavelmente, utilizando a sua excecional inteligência que aliou à sua bondade sem limites, sempre ao serviço do bem comum.

D Fernando Tavares de Távora dizia dele – “Para tudo lhe chega o tempo e tudo aquilo de que se encarrega executa com perfeição”.

Em 1932, o limite legal de idade obrigou-o a abandonar o serviço público e esse facto deu ensejo a que lhe fosse prestada bem merecida homenagem.

A família feirense homenageou-o com uma festa artística, a enaltecer toda a sua atividade e todo o seu amor á profissão e a sua incansável devoção á Feira, referindo que era a personificação do Bem e do Belo, da Arte e da Ciência, da honradez, da bondade e do trabalho.

Foi apontado como modelo de Feirenses, e um homem admirável pela sua energia e qualidades de caráter.

Foi dado o seu nome ao largo fronteiro a sua casa no Montinho. Foi colocada fotografia sua na biblioteca Municipal, e no Orfeão e uma lápide no Castelo.

Os jornais da Feira, de Cambra, Oliveira de Azeméis, Estarreja, Aveiro, Vila do Conde, Gondomar, Arouca, os jornais do Porto referiram as qualidades do dr. Aguiar Cardoso e alguns até publicaram números especiais, com a colaboração de inúmeras individualidades.

E como o Estado friamente lhe impôs a obrigação de descansar, os Feirenses continuaram a pedir-lhe o seu sacrifício pela nossa terra e a sua Caridade para com os deserdados.

Sua Mulher, D. Maria do Carmo Mota de Aguiar Cardoso, ajudando os pobres, completava a sua missão humanitária.

Faleceu em 2 de Março de 1937 e no dia seguinte, no dizer do Dr. Ferreira de Castro, “começou então, o gigante do concelho a dormir no cemitério da Vila o sono eterno, á eterna sombra desse outro gigante – o Castelo da Feira”

Seria muito interessante que a sua obra fosse editada.

Bibliografia

1908- Porto Médico

1908- O Tripeiro série I e III

1917 -O Castelo da Feira, D Fernando de Tavares e Távora

1921, 1922, 1923, 1932 -Correio da Feira

1929 -Terra de Santa Maria Civitas Sanctae Mariae, Aguiar Cardoso

1932 -Jornal de Estarreja

1932 -Jornal de Cambra

1943 - Jornal do Médico nº 56, Dr. António Caetano Ferreira de Castro

1944 -Castelo da Feira - Boletim da Direção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

1970 -Revista” Aveiro e o seu Distrito”, Roberto Vaz de Oliveira

1991 -Factos e Personalidades da Feira e do Concelho, António Lamoso R. Castro